



VIAGENS DE EDUCADORES MUSICAIS NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX: PERSPECTIVAS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Rodrigo Alves de Melo [*]; Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti [**]

O presente trabalho versa sobre a perspectiva da História da Educação, tendo como horizonte as produções intelectuais com foco em viagens de educadores musicais através de itinerários em países de cinco continentes: França, Itália, Inglaterra, Áustria Espanha, Portugal e Grécia (Europa); Egito (África); Síria (Ásia); Estados Unidos da América (América do Norte) e Argentina (América do Sul). O objetivo dessas viagens foi a participação em eventos artísticos, pedagógicos e diplomáticos, datados na primeira metade do século XX. Como metodologia, realizamos uma revisão bibliográfica abarcando estudos e publicações acadêmicas de historiadores da Educação que trabalham com a temática História da Educação Musical. Como resultado, percebemos que esses intelectuais interessados no aprimoramento artístico e pedagógico não viajaram apenas para conhecer países ou continentes. As experiências desses sujeitos contribuíram com a Educação Musical, por meio da criação de cursos inovadores e de escritos relatando as respectivas vivências experimentadas além-mar, como também, mobilizaram a difusão de propostas pedagógicas e a música brasileira em palcos dos países de destino e formação.

Palavras-chave: História da Educação. Viagens. Educadores musicais.

MUSICAL EDUCATORS' JOURNEYS IN THE EARLY DECADES OF THE 20TH CENTURY: PERSPECTIVES IN THE HISTORY OF EDUCATION

ABSTRACT

The present work focuses on the History of Education, with a horizon centered on intellectual productions that highlight the travels of music educators through itineraries in countries across five continents: France, Italy, England, Austria, Spain, Portugal, and Greece (Europe); Egypt (Africa); Syria (Asia); the United States of America (North America); and Argentina (South America). The purpose of these journeys was participation in artistic, pedagogical, and diplomatic events dated in the first half of the 20th century. As a methodology, we conducted a bibliographic review encompassing studies and academic publications of Education historians working on the theme of the History of Music Education. As a result, we observed that these intellectuals, interested in artistic and pedagogical improvement, did not travel solely to explore countries or continents. The experiences of these individuals contributed to Music Education through the creation of innovative courses and writings recounting their experiences overseas. Additionally, they mobilized the dissemination of pedagogical proposals and Brazilian music on stages in the destination and training countries.

Keywords: Travel. History of Education. Music Educators.



VIAJES DE EDUCADORES MUSICALES EN LAS PRIMERAS DÉCADAS DEL SIGLO XX: PERSPECTIVAS EN LA HISTORIA DE LA EDUCACIÓN

RESUMEN

El presente trabajo aborda la Historia de la Educación, centrándose en las producciones intelectuales con enfoque en los viajes de educadores musicales a través de itinerarios en países de cinco continentes: Francia, Italia, Inglaterra, Austria, España, Portugal y Grecia (Europa); Egipto (África); Siria (Asia); Estados Unidos de América (América del Norte) y Argentina (América del Sur). El objetivo de estos viajes fue participar en eventos artísticos, pedagógicos y diplomáticos, fechados en la primera mitad del siglo XX. Como metodología, se llevó a cabo una revisión bibliográfica que abarcó estudios y publicaciones académicas de historiadores de la Educación que trabajan en la temática de la Historia de la Educación Musical. Como resultado, se observó que estos intelectuales interesados en el perfeccionamiento artístico y pedagógico no viajaron solo para conocer países o continentes. Las experiencias de estos individuos contribuyeron a la Educación Musical mediante la creación de cursos innovadores y escritos que relatan las experiencias vividas en el extranjero, además de movilizar la difusión de propuestas pedagógicas y la música brasileña en escenarios de los países de destino y formación.

Palabras clave: Viajes. Historia de la Educación. Educadores Musicales.

INTRODUÇÃO

A palavra viagem nos remete a muitos significados. O ato de viajar pode ser realizado por motivos diversos: passeio, trabalho, compras ou busca de conhecimentos. Quando pensamos nesses movimentos, pode haver uma sensação de mudança e mesmo inquietude, pois geralmente significa percorrer, visitar; passar por lugares diferentes daqueles onde estamos acostumados diariamente. Assim, trazemos a lume uma modalidade de viagem que tem como motivação a formação. No caso dos professores de música brasileiros, essa prática intensificou-se na segunda metade do século XX.

No presente texto, elegemos produções acadêmicas de doutores em Educação sobre viagens de educadores musicais. Buscamos por meio da revisão de literatura interpretar os trajetos, as atividades nesses movimentos dos educadores musicais. Tal modalidade de deslocamento não se configura simples passeio turístico, pois têm caráter preponderante de circulação de saberes, configurando experiências significativas para quem as faz ou fez.



Em outras palavras, este artigo é uma reflexão sobre pesquisas que versam a respeito de investimentos pedagógicos e artísticos. Com essa finalidade, buscamos estudos e publicações sobre a temática na área da Educação, em especial a da História da Educação, destacando viagens de formação pedagógica e artísticas de educadores musicais. Nesse sentido, selecionamos textos de pesquisadores nacionais que trabalham com História da Educação Musical.

Debruçamo-nos sobre trabalhos de autores da História da Educação, como Ropke e Monti (2021), que mapearam teses produzidas em programas de Pós-graduação em Educação, História e Música, entre 2015 e 2019; do levantamento de Alencar (2018), que revisou os anais dos congressos da Associação Brasileira de Educação Musical, de 2003 a 2015, citando comunicações que trazem a História da Educação Musical como objeto de estudo; bem como, a dissertação *História da Educação Musical (2015-2021): caminhos e espaços da produção intelectual*, de Alencar (2022), que por meio da análise de produções de congressos, livros organizados e um dossiê temático, reflete sobre a História da Educação Musical.

Temática de pesquisa em crescimento, a História da Educação Musical já começa a despontar no cenário dos anais de congressos e revistas, como vem sendo investigado pelos autores supracitados. Em vista de nossa proposta de reflexão sobre viagens de educadores musicais, foram localizados trabalhos entre anos 2012 e 2020. O primeiro, de Rocha, publicado na *Revista OPUS*, em junho de 2012, analisando a participação de Liddy Chiaffarelli Mignone, Francisco Mignone e Antônio Leal de Sá Pereira no VIII Congresso Bial de Professores de Música, acontecido em *Milwaukee*, Estados Unidos, em 1942.

O segundo é o artigo publicado na *Revista de História e Historiografia de Educação*, em agosto de 2017, que relata as aprendizagens da cantora e professora de Música Antonietta de Souza, em visita ao Egito, na década de 1950. Trazemos também o trabalho mais recente, a tese de Santos, defendida em 2020, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes, com atenção especial ao Capítulo III, conferindo ênfase nas viagens empreendidas pela pianista Helena Lorenzo Fernandez, para divulgação e aulas públicas com repertório e métodos do marido, Oscar Lorenzo Fernandez, também na década 1950.

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-22, e-rte331202426, 2024.



Os textos acima elencados apresentam traços em comum, mesmo com narrativas distintas: são viagens que tinham como objetivo principal a busca de formação musical e pedagógica. Com isso, propomos aqui alguns questionamentos: quem são os educadores musicais protagonizados nesses estudos? Qual a relevância das viagens na produção desses professores de Música?

Temos em mente a premissa de que pesquisar sobre viagens pedagógicas e de formação de professores nos permite deparar com diversas descobertas feitas por esses docentes que enveredaram pelo mundo afora. Uma vez que o viajante, concordando com Silva (2012, p. 25), “[...] é entendido como um ‘explorador’, um ‘descobridor’ de mundos, espaços abertos para serem interpretados, com objetivos variados”.

Essas viagens, com caráter de aprendizado e também de ensino, são experiências significativas para quem as faz, pois como aborda Cardoso (2011, p. 15), conhecer “*in loco* experiências culturais, sociais, educacionais ou políticas de um país concede ao viajante um lugar de autoridade, sendo-lhe permitido falar, escrever e comparar o presenciado”. Um trajeto com esse viés proporciona, além de novos conhecimentos, a troca de aprendizagens, costumes, modos de ser e viver de determinada cultura ou país. Buscar formação através de intercâmbios tem despertado, segundo Cardoso (2011, p. 14):

Interesse nas pesquisas sobre viagens e os escritos produzidos pelos viajantes, os quais contemplam discursos, representações e imagens da sociedade, da cultura, da educação, da religião, dos costumes, dos valores, ideias etc. A partir de comparações aproximam e distanciam diferentes realidades, adotam posturas e assumem posições.

Tão importante quanto os deslocamentos dos docentes, são as escritas realizadas por eles: relatórios, cartas, telegramas, diários, entre outros. Concordamos com Hobbs (2018, p. 262), ao afirmar que “esses arquivos pessoais contêm a visão individual das experiências de vida”. Esses registros não são apenas técnicos, pois, como nos apontam Mignot e Silva (2011), além de descreverem as ações realizadas pelos viajantes, são também, como nos trazem as autoras, escritas de si, nas quais os partícipes transcrevem suas impressões particulares dos



lugares onde estiveram, das pessoas com quem trocaram experiências e como esses momentos de aprendizagem influenciaram suas carreiras.

LIDDY CHIAFFARELLI MIGNONE, FRANCISCO MIGNONE E ANTÔNIO SÁ PEREIRA NOS ESTADOS UNIDOS

A cantora e educadora musical Eliza Chiaffarelli Mignone, conhecida como Liddy Chiaffarelli, seu marido, o compositor Francisco Mignone, e o pianista e professor Antônio Leal Sá Pereira viajaram ao Estados Unidos da América, na década de 1940, com o intuito de divulgar a música erudita brasileira, bem como ter contato com o ensino de música naquele país. Os relatos de participação deles estão no trabalho “*Quanta coisa para pensar nos tempos dado essa gente*”, de Rocha (2012). O título pertence a um trecho tirado de uma carta escrita em Chicago (EUA), em 4 de abril de 1942, por Liddy Chiaffarelli e Francisco Mignone, para Mário de Andrade, amigo do casal, pouco antes do retorno deles ao Brasil. A pesquisadora mobilizou no estudo cartas, bilhetes, memórias escritas e artigos redigidos pelos transeuntes, em suas narrativas de contextualização de jornadas.

A viagem ao país norte-americano teve duração de dois meses e, segundo Rocha (2012, p. 104), esses artistas e educadores musicais “[...] representaram o Brasil no VIII Congresso Nacional Bienal de Professores de Música”, nos Estados Unidos, em 1942. A pesquisadora relata ainda que o casal Mignone realizou turnê de divulgação de música brasileira, enquanto o professor Sá Pereira visitou algumas escolas dessa expressão artística.

É importante destacar que, a partir da análise das correspondências de Liddy para Mário de Andrade, Rocha (2012, p. 103) nos traz as expectativas desses personagens antes mesmo da jornada para terras norte-americanas: “A viagem aparece como assunto na correspondência cerca de cinco meses antes do seu início”. Nesses momentos são mencionadas nas cartas as esperas das definições para embarque, atrasado por entraves burocráticos. Com a dificuldade solucionada, Rocha (2012) narra a viagem dos educadores musicais, trazendo ao nosso



conhecimento informações da referida participação sob a ótica deles. Primeiramente, a autora nos rememora o itinerário do casal Mignone:

Miami foi o destino inicial de Francisco Mignone e Liddy Chiaffarelli e, depois seguiram para Washington, onde assistiram a concertos e se reuniram com músicos. A primeira carta foi escrita apenas quando já estavam em Nova York e a agenda intensa do casal foi responsável pela demora em escrever para Mário de Andrade, mas a intensidade das emoções, as novidades, os concertos, as músicas, os intérpretes, o encantamento são a tônica da escrita das cartas. (Rocha, 2012, p. 110)

Em relação ao festival, Francisco Mignone atuou na qualidade de regente, participou de encontros com outros compositores, estabeleceu parcerias com instituições, como a *National Broadcasting Corporation Orchestra* e a *Columbia Broadcasting System Orchestra*, para a divulgação da música brasileira, e de forma particular, das suas composições. Liddy Chiaffarelli envolveu-se “[...] como uma das musicistas latino-americanas convidadas e uma das representantes do Brasil” (Rocha, 2012, p. 108). A professora de Música ensaiou junto a corais do Congresso, interpretando as canções do seu marido, e atuou como tradutora de Francisco Mignone em vários momentos de atividades pedagógicas e musicais, já que era fluente em inglês.

O professor Antônio Leal de Sá Pereira era, à época, diretor da Escola Nacional de Música (hoje Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro). Rocha (2012) aborda que essa não era sua primeira viagem representando o Brasil. Ele já havia ido à Europa, em 1936, enviado por Gustavo Capanema, com o intuito de ter acesso e conhecimento aos sistemas de Educação Musical. Sua chegada aos Estados Unidos o levou, além de participar do Congresso da Bienal de Música, a visitar o ensino de Música que era oferecido nas escolas americanas. Ao retornar, Sá Pereira transformou suas impressões e registros de viagens em livro, denominado *Mobilização musical da juventude americana: impressões de viagens de estudos*, no qual ele relata o que vivenciou das experiências no Congresso e nas idas às escolas onde havia ensino de música.



Nesse registro escrito sobre a viagem, Sá Pereira: “[...] relatou, com grande encantamento, as atividades que desenvolveu em sua estada. É uma narrativa laudatória e apaixonada, enaltecendo as qualidades do sistema de ensino norte-americano” (Rocha, 2012, p. 113). O educador musical Antônio Leal Sá Pereira ficou impressionado com a participação dos jovens e o desempenho desses nas atividades musicais:

A qualidade musical e técnica, a afinação das vozes e dos instrumentos musicais nas apresentações também o impressionaram, e ele creditava o êxito e a qualidade musical ao estímulo proporcionado pelos inúmeros concursos e festivais promovidos em todo o país, motivando os jovens [norte-]americanos a participarem de grupos musicais, coros, bandas e orquestras. (Rocha, 2012, p. 115)

O professor de Música também observou que o sucesso do desempenho dos estudantes estava na disciplina empregada nos estudos, nas performances e que essa obediência às regras tinha de ser espontânea. Ele, na qualidade de diretor de uma escola de música, compreendia isso como um modelo a ser seguido, no qual os jovens brasileiros deveriam ser estimulados a ter rotinas sistemáticas de estudos, colhendo, assim, uma qualidade musical mais polida nas apresentações musicais, bem como no ensino.

Destacamos a importância de se estudar as escritas produzidas por esses educadores em viagens, concordando com Rocha (2012) quando ela afirma que, mesmo com limites e lacunas, cartas, bilhetes e memórias são documentos inéditos e privilegiados. Com isso, pesquisar mais sobre os relatos de viagens de musicistas traz contribuições relevantes para a Educação e, de forma específica, para a História da Educação.

Seguindo por esse caminho investigativo - de conhecer mais sobre as trajetórias e aprendizagens desses artistas -, trazemos a lume outro itinerário de viagem de uma educadora musical: as impressões da artista Antonietta de Souza em sua ida à África, em visita ao Egito nos anos 50, do século XX, relatadas em uma série de artigos publicados em revistas.



VIAGEM DE ANTONIETA DE SOUZA AO EGITO

O artigo *Música na terra dos Faraós: aprendizagens de Antonietta de Souza numa viagem ao Egito*, de autoria de Monti (2017), traz um panorama das sensações da cantora em seu percurso pela África. O trabalho foi publicado na *Revista de História e Historiografia da Educação*, compêndio que é organizado pelo Grupo de Trabalho Nacional em História da Educação (GTHE), vinculado à Associação Nacional de História (ANPH).

De acordo com o estudo em baila, a cantora nasceu na cidade de Cantagalo, estado do Rio de Janeiro, filha do marechal do Exército Antônio Albuquerque de Souza, e de Balbina Maria Albuquerque de Souza. Sobre a formação de Antonietta, consta que ela estudou com Frederico Mallio em sua instrução musical inicial. Os estudos de piano, teoria e solfejo de Antonietta foram orientados por Carlos Severiano Cavalier Darbilly, tendo ela sido aluna de canto da professora Stinco Pallermini. Antonietta recebeu uma medalha de ouro, em 1916, na ocasião de sua formatura em Canto, prêmio alcançado no concurso de melhor formando, outorgado pelo Instituto Nacional de Música. Essa instituição, que em 1890 foi o Conservatório de Música, passou a se chamar Instituto Nacional de Música, hoje Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

O artigo menciona que a atuação de Antonietta na vida artística e política do Rio de Janeiro foi de significativa valia, não apenas pelo seu desempenho técnico no canto. Ela lutou pela valorização dos artistas e professores de Música ao longo de sua carreira, além de buscar de maneira constante implantar melhorias no ensino daquela expressão artística. Seja como docente ou em cargos de chefia, a cantora e professora zelava pela excelência das condições de trabalho entre seus pares, reivindicando melhores salários para músicos e professores. Quando gestora do Conservatório Brasileiro de Música houve a criação da primeira Especialização em Iniciação Musical do Brasil, por Liddy Chiaffarelli. Além dessas atividades, a solista foi também crítica musical, articulista e redatora-chefe de diversos correspondentes jornalísticos da época. Antonietta atuou no *Diário da Noite*, na *Revista Ilustração Musical* e na *Revista da*



Associação Brasileira de Música, além de ter sido idealizadora e redatora-chefe da *Revista do CBM*.

Após a viagem ao Egito, Antonietta escreveu uma série de artigos, que são analisados no artigo. O autor enfatiza que os textos foram idealizados por Antonietta como *Minhas Impressões sobre o Egito*. Todos publicados em sete números da *Revista do Conservatório Brasileiro de Música*, conhecida no período como *Revista do CBM*, esses escritos figuram como solução encontrada por Antonietta para apresentar os resultados de sua viagem aos colegas docentes, aos seus discentes e à comunidade musical. As revistas foram publicadas entre 1956 e 1957.

As análises dessa produção seguem por duas perspectivas. Na primeira vertente, dedica-se aos aspectos culturais da arte egípcia, observadas *in loco* e narradas pela viajante. No segundo panorama, o autor mergulha nas publicações da artista na *Revista do CBM* sobre a música e os instrumentos do Egito na Antiguidade. Antonietta traz a lume suas impressões envolvendo um conjunto de melodias folclóricas e de cantos litúrgicos que sobreviveram ao longo dos séculos.

O texto descreve a jornada de Antonietta pelo Egito, durante a qual ela teve contato com possíveis fragmentos, frases e vestígios de linhas musicais fundamentais. Durante sua exploração pelas terras egípcias, Antonietta notou que muitos elementos da música e dos rituais antigos foram incorporados a diversas cerimônias religiosas, como as praticadas pelos cristãos em suas cerimônias. Em outras palavras, a viajante observou que os religiosos egípcios modificaram as letras das canções já existentes, que eram transmitidas oralmente na cultura egípcia.

Antonietta apresenta ainda em seus relatos dados sobre Arqueologia, ao narrar uma festa grandiosa planejada e realizada pelo faraó Ptolomeu Soter II. A educadora, além de apontar como se deu a preparação e o evento, coloca junto aos seus manuscritos imagens de músicos com instrumentos diversos, para nos dar uma ideia do uso da música, como era executada e transmitida pela tradição da época.

A cantora e professora descreve também as aprendizagens sobre a festa do faraó Ptolomeu, com foco na parte musical. As ilustrações nos permitem acompanhar de forma mais

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-22, e-rte331202426, 2024.



criterosa a narrativa de Antonietta, que destaca que para a referida ocasião foi realizada uma apresentação de canto coletivo, perfazendo um grupo de 1.200 pessoas. Suas vozes soaram juntamente com a execução de centenas de instrumentistas que tocaram 300 cítaras e uma quantidade significativa de flautas”.

A viagem de Antonietta relatada em artigos é cheia de elementos que demonstram como a musicista tratou de maneira sistemática seu deslocamento ao país do norte-africano. Ao trazer diversas imagens entre seus parágrafos - como por exemplo a figura de uma partitura da canção dos barqueiros do rio -, Antonietta quis se dirigir a um grupo específico, artistas não leigos.

Nas memórias publicadas na *Revista do CBM*, a educadora musical também faz observações sobre as artes e os egípcios, da relação entre Música e Mitologia como uma intervenção divina. Ela lamenta o fato de o povo egípcio demonstrar não ter consciência, ao imputar ações humanas como responsabilidade dos deuses. A artista expressou descontentamento em relação aos relatos do historiador grego Diodoro de Sicília (90 a.C.-30 a.C), no qual ele descreveu que os egípcios consideravam a dedicação ao estudo da arte musical como uma atividade inútil, prejudicial e contraproducente, acreditando que ela enfraquecia a alma e tornava os homens mais delicados.

Outra crítica da musicista, na qualidade de diretora geral da Sociedade Civil Conservatório Brasileiro de Música, destacava o fato de as mulheres serem excluídas da cultura musical do Egito faraônico, porque a música religiosa executada no templo pelos sacerdotes cantores, exclusivamente podia ser ouvida pelos homens.

Antonietta descreve em seus relatos ainda que a única exceção à prática comum de música nos templos ocorria durante o culto a uma deusa específica, a celebração religiosa dedicada a Osíris em Abydos. No templo de Osíris, uma deusa, não havia cânticos nem a permissão para tocar instrumentos musicais. Essa exceção representava um evento distinto em relação à norma observada nos demais templos (SOUZA, 1956)

Nos registros de Antonietta de Souza em referência a sua viagem, há um destaque sobre as fanfarras militares, consideradas pela musicista como rústicas e elementares. Através de figuras, a educadora observa o uso apenas de trombeta, tambor e tige duplo nas fanfarras, em **Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-22, e-rte331202426, 2024.**



contraste com as bandas e orquestras que ela conheceu, em 1923, através do “Prêmio Viagem”. Essa honraria, criada pelo Instituto Nacional de Música, no Rio de Janeiro, era atribuída ao vencedor do concurso que tinha por objetivo o aperfeiçoamento dos melhores discentes da instituição na Europa. O autor do artigo nos auferiu que a viagem da artista serviu, também, para comparar a cultura do país visitado com a do Brasil.

O percurso egípcio de Antonietta de Souza foi permeado de aprendizagens arqueológicas, musicais e musicológicas. A professora se aprofundou também em Organologia (disciplina que trata da descrição e da classificação de qualquer instrumento musical), quando conheceu mais acerca de instrumentos egípcios e suas particularidades. Outro aspecto assimilado pela cantora foi em relação ao vestuário dos músicos egípcios. De acordo com seus relatos, não eram apenas as divindades, como deuses, faraós e rainhas, que utilizavam ornamentos elaborados com flores. Nas palavras da viajante, “como ratifica uma pintura vista em Tebas, na qual uma jovem instrumentista tocadora *de tanbourah* – tipo de guitarra que na atualidade ainda é utilizada pelos Árabes – tinha sobre a cabeça um enfeite composto de pétalas de flores de lótus” (SOUZA, 1956, p. 37)

Nos contornos de suas interpretações, o historiador da educação nos traz que Antonietta se inteirou da existência de numerosas dinastias de artistas dedicadas à Música. A cantora observou também que, ao longo do domínio faraônico, essa expressão artística floresceu, transformando-se por causa dos distintos acessos e caminhos artísticos internacionais, chegando ao seu auge por meio de intercâmbios, entre 1850 a. C e 1090 a. C.

Além das questões levantadas no estudo sobre a viagem da cantora, vale acrescentar que na conjuntura brasileira, do final do século XIX e parte significativa do XX, as mulheres não costumavam viajar desacompanhadas do pai ou do marido. Conforme analisa Mirian Leite (1997), o quantitativo reduzido de turistas femininas –comparado ao de homens, ainda mais recorrente nas viagens demoradas e com pouca segurança, como é a de travessia do Oceano Atlântico – sinaliza poucos espaços às que desejavam ou precisavam se deslocar para o continente africano. Assim, no que se refere à viagem, a professora de música diferenciava-se da maior parte das brasileiras na primeira metade do século XX.



Após a saga de Antonietta de Souza, cantora dos palcos do Rio de Janeiro, transeunte por territórios egípcios, conhecendo sobre a Música e a cultura daquele país, temos considerações sobre outra artista brasileira que vivenciou a arte de forma itinerante: a Pianista Helena Lorenzo Fernandez, que se apresentou e ministrou aulas públicas na Europa, em países sul-americanos e nas diferentes regiões do Brasil.

Turnês da pianista concertista Helena Lorenzo Fernandez

O estudo de Santos (2020) apresenta particularidades da musicista Helena Lorenzo Fernandez, desde sua formação, redes de sociabilidade, até suas turnês nacionais e internacionais. Como um dos elementos do escopo do presente estudo, elegemos o trabalho intitulado *No compasso, ligeiro, da pianista Helena Lorenzo Fernandez: entre práticas pedagógicas, concertos e diplomacia musical brasileira (1931-1985)*; sobretudo, os tópicos que abordam a formação musical e as viagens da professora, artista e concertista.

Na pesquisa, Santos (2020, p. 38) afirma: “[...] os acervos e as fontes são elementos importantes para a investigação de qualquer trabalho científico”. Em suas andanças, o investigador visitou bibliotecas, arquivos públicos e particulares das cidades de Aracaju, Rio de Janeiro e Distrito Federal. Entre os documentos, foram catalogados recortes de jornais, cartas, textos publicados em diário oficial, fotos e livros, inclusive da autobiografia da professora de piano.

Helena Abud nasceu em Aracaju (Sergipe), em 1914. Foi a primeira filha do casal de imigrantes sírios Miguel Paulo Abud e Yemna Mussi Abud, que se estabeleceram como comerciantes na capital sergipana. Desde menina, Helena tinha interesse por música:

Deixava de brincar de boneca, com suas colegas, para ficar ouvindo uma vizinha executar música ao piano. Contudo, seu aprendizado musical ocorreu em 1922, quando Helena tinha oito anos de idade, momento no qual passou a estudar com a profa. Maroca Caldas, uma das mais conceituadas professoras de piano de Aracaju, à época. (SANTOS, 2020, p. 51)

Em 1927, Helena Abud estudava na Escola Normal Rui Barbosa. Paralelamente, ela fazia práticas de piano com o professor José Thomaz Sanz, que era espanhol. Na classe desse



docente, de acordo com Santos (2020), Helena tornou-se uma de suas melhores alunas, despontando como jovem talento, na década de 1920. Em 1932, a aluna foi nomeada professora de piano, com ênfase em Educação Musical da Escola Casa da Criança, localizada no centro da cidade de Aracaju, que atendia crianças de 4 e 6 anos de idade. Por seu talento, Helena ganhou uma bolsa de estudos para aperfeiçoamento em piano no Instituto Nacional de Música, no Rio de Janeiro. Além do instrumento, ela fez outros cursos, como Teoria Musical e Harmonia. Ao retornar à sua terra natal, Sanz, seu antigo professor de piano, havia regressado à Espanha. A pianista fundou, então, em 1932, o Curso de Teoria e Piano Helena Abud (CTPHA), recebendo alguns alunos de seu antigo mestre.

De acordo com Santos (2020), a musicista retornou em outros momentos ao Rio de Janeiro para aperfeiçoamento, a exemplo da Especialização em Canto Orfeônico, em 1943. Nesse ínterim, ela conheceu Oscar Lorenzo Fernandez, maestro, compositor e professor do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, com quem viveria maritalmente anos depois, adotando o nome de Helena Lorenzo Fernandez. Além de marido e mulher, o casal tornou-se parceiro na vida docente e artística, trabalhando juntos nas instituições de ensino de Música mais importantes do Rio de Janeiro e fazendo turnês nacionais em várias cidades brasileiras, no período de 1945-1948.

A pianista e professora, após a morte do marido, viveu um hiato na carreira de concertista, passando a se dedicar apenas ao ensino de piano. Contudo, em 1950, com patrocínio do Ministério da Cultura, ela inaugurou sua turnê internacional na Europa, começando em Paris, no centro cultural *Maison de l'Amérique Latine*, encarregado de desenvolver as relações entre a França e os países latino-americanos. Foi um evento de extrema importância, pois “esse primeiro concerto executado por Helena foi marcado pelo início da formação de uma rede de sociabilidade composta por autoridades brasileiras que trabalhavam na Embaixada do Brasil, e por artistas de alguns países da Europa” (Santos, 2020, p. 184).

A convite da BBC, a pianista seguiu para Londres, dando continuidade aos concertos. E levou adiante sua jornada musical percorrendo outros países da Europa: Itália e Portugal, por exemplo. No repertório havia composições para piano escritas pelo falecido cônjuge. A **Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-22, e-rte331202426, 2024.**



habilidade técnica e artística de Helena, agora com sobrenome Lorenzo Fernandez, na execução das peças do musicista brasileiro, elevou-a ao patamar de outras pianistas conhecidas na História da Música, como observado por Santos (2020, p. 184):

Assumindo o papel de segundas esposas, Clara Schumann, Cosima Wagner e Helena Lorenzo Fernandez tiveram um papel significativo na vida dos seus companheiros, estimulando-os e inspirando-os na composição de suas obras e, mesmo depois de falecidos, elas assumiram o papel de divulgadoras, até o fim de suas vidas, das obras dos seus maridos.

Em seu itinerário musical, Helena Fernandez recebeu o amparo dos Ministérios da Educação e das Relações Exteriores, interessados em divulgar a cultura musical brasileira. Por intermédio desses conseguiu também o apoio da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), que a recomendava para os jornalistas do continente europeu (Santos, 2020). Com isso, no retorno ao Brasil, a artista, por meio das redes de sociabilidade que formalizou na Europa, deixou agendadas futuras apresentações e aulas públicas no velho continente para o ano seguinte.

Essas redes de sociabilidades dessa professora de piano oriunda do nordeste brasileiro são compreendidas a partir dos conceitos de Sirinelli (1986) como o suporte obtido por meio das relações pessoais e profissionais, que fortalecem os laços de solidariedade entre pequenos grupos interligados. A ideia apresentada por Sirinelli (1986) sugere que o ambiente intelectual e artístico forma um espaço restrito no qual a produção pode prosperar e ganhar notoriedade. Segundo o autor, a expressão comum para se referir a esse "pequeno mundo" tornou-se "rede"

Helena Fernandez realizou ainda turnês pela América do Sul, um ano após a temporada europeia. Com início no Rio de Janeiro, e depois Buenos Aires (Argentina), ocasião em que interpretou as obras de Oscar Lorenzo Fernandez no repertório e ministrou aulas públicas de piano. Nesses concertos, Helena formou parceria com as cantoras Cristina Maristany e Olga Maria Schroeter (Santos, 2020). Regressando ao Brasil, ela foi designada - via Portaria nº 1.043, de 12 de dezembro de 1951, assinada pelo ministro da Educação, Simões Filho - para mais uma série de apresentações pela Europa. Além de França, Itália e Inglaterra, a pianista executou concertos na Espanha e Áustria. As atuações de Helena tinham o apoio do governo brasileiro, como sinalizado por Santos (2020, p. 188):



Sabendo da disposição, da competência e do potencial da pianista, o Governo Vargas intentou, também, estreitar os laços diplomáticos, a partir da diplomacia musical, na qual a música nacional (erudita e folclórica) ajudaria nas relações internacionais com os países europeus.

Com o término das *performances* no Velho Continente, Helena voltou ao Brasil para se apresentar em estados da Região Nordeste. Passando pelo Ceará, Maranhão, Pará e Paraíba, a artista ministrou aulas “[...] acerca da história da música brasileira, efetivou concertos e foi recebida por autoridades – prefeitos, governadores, diretores de conservatórios, entre outras personalidades do meio musical” (Santos, 2020, p. 189).

Mesmo com o fim desse compromisso, a musicista não parou, e logo empreendeu, com o apoio do embaixador do Brasil em Portugal, na época (ministro Gil Mendes), sua terceira ida à Europa. Lá apresentou-se em Lisboa, com a Orquestra Nacional do Teatro São Carlos.

Dessa vez, a pianista realizou o sonho de Lorenzo Fernandez, que era apresentar a obra “Variações Sinfônicas” para piano e orquestra, concluída 15 dias antes do seu falecimento [...] Cumprir assinalar que Lorenzo Fernandez dedicou essa composição a Helena. (SANTOS, 2020, p. 189)

Helena continuou prestigiada, realizando em 1953, a pedido do Ministério das Relações Exteriores, uma quarta e última turnê europeia. Grécia, Egito, Síria e Itália fôramos países nos quais a pianista se apresentou e ministrou cursos sobre a música brasileira. Com destaque para o espetáculo de Helena na Sala Parnasos, em Atenas (Grécia).

Por causa da importância histórica dessa sala, a princípio, a pianista pensou que o ritmo sincopado e contagiante da dança negra “Jongo” e o da melodia seresteira da “Valsa Suburbana” poderiam ser interpretados como uma irreverência, dada a importância desse ambiente milenar. Porém, o que se observou “[...] foi a assistência, seleta e numerosa, prorromper, com bastante entusiasmo, em aplausos às obras brasileiras”. (SANTOS, 2020, p. 191)

A conclusão desse percurso pela Europa marcou uma etapa da trajetória profissional da concertista, que se consolidou como artista e professora. Essas viagens lhe deram prestígio para criar a própria escola. E assim, a convite de amigos que acompanharam sua carreira, a já célebre musicista fundou a Academia de Música Lorenzo Fernandez (AMLF), dedicando-se ao ensino de Música.



Sobre as análises feitas por Santos (2020), em sua tese, neste artigo vale acrescentar que a artista sergipana realizou suas viagens sem a companhia masculina; porém acompanhada das credenciais de intérprete do repertório composto por Lorenzo Fernandez, seu companheiro. O fato transformava as turnês de uma mulher - para além da divulgação da música brasileira e da sua reconhecida competência técnica - em homenagens *in memoriam* a um compositor, um homem brasileiro. Nesse contexto, a musicista cruzava fronteiras internacionais, sozinha, para tocar um instrumento de “preferência” das mulheres, o piano (julgado “mais feminino”), em detrimento de outros de cordas ou sopro (contrabaixo ou a tuba), executados por pessoas do gênero masculino, principalmente em séculos passados.

Caso a viagem da concertista ocorresse na esfera da regência orquestral, possivelmente o desafio seria maior, uma vez que existe e persiste até no século XXI um descrédito ancorado no machismo, que desqualifica as mulheres para essas práticas musicais. De maneira preconceituosa, segundo Pianta (2021), muitas pessoas da sociedade alegam que nas mulheres maestrinas não há “pulso firme” satisfatório para conduzir conjuntos instrumentais compostos por homens. Reafirmam de maneira enganosa - repetindo o flagrante equívoco de que o maestro eficiente precisa ser um “tirano”, intolerante que exerce e suporta fortes pressões -, uma configuração emocional que não permitiria às mulheres exercerem esse tipo de trabalho.

Viagens distintas, similitudes à vista

Os caminhos percorridos pelos educadores musicais aqui narrados demarcam regiões geograficamente diferentes, em momentos também distintos, ocorridos na primeira metade do século XX. Não se pode negar, contudo, que não existe similitude entre as histórias percorridas. Os artistas e educadores musicais Liddy Chiafarelli, Francisco Mignone e Antônio Sá Pereira (em viagem aos Estados Unidos), Antonietta de Souza (em sua visita ao Egito) e Helena Lorenzo Fernandez (no seu percurso pela Europa, Ásia, África, América do Norte, América do Sul) ampliaram suas redes de sociabilidade com novos contatos nos espaços artísticos e educacionais.



Concordando com Rogério (2011, p. 23), que afirma: “[...] seguir viagem é também seguir um curso de aprendizagem”. Nessa linha de pensamento, um fator comum entre os viajantes acima mencionados foi a aquisição de conhecimento e reconhecimento, seja em visitas culturais e educacionais, troca de experiências com outros educadores ou nas apresentações musicais. As apresentações e os ensaios vivenciados pelo casal Mignone, as observações de Sá Pereira sobre o sistema educacional americano e os concertos de Helena Fernandez são um emaranhado de conhecimentos adquiridos nos países por eles visitados.

Outra similaridade nas trajetórias dos músicos em questão tem a ver com o fato de eles terem atuado como representantes do Brasil em suas viagens. Demonstrando a representatividade que esses transeuntes obtiveram junto às instituições brasileiras e estrangeiras, validada por Silva (2012, p. 33) que afirma: “a viagem empreendida por um intelectual pode ser uma ação reveladora de suas redes de sociabilidade, apoio e prestígio, ou ainda, uma estratégia na luta pela legitimação em meio a elas, em seus microclimas, tensões e clivagens no interior dos grupos”.

Os artistas envolvidos nesses estudos podem ser chamados do que Dumont e Fléchet (2014) denominaram de “músicos diplomatas”, porque atuaram como propagadores da cultura brasileira no exterior, através da Música. As interações acontecidas em solo estrangeiro foram benéficas para os músicos viajantes, que ampliaram suas redes de sociabilidades com outros músicos e educadores musicais, bem como com a cultura presente nos locais por onde passaram. O Brasil, por sua vez, também pôde estreitar relações com aqueles países dentro do itinerário traçado.

Os acervos resultantes das jornadas desses educadores musicais também merecem destaque. Sobre a importância desses manuscritos, Cunha (2016, p. 213) afirma que “o estudo de acervos pessoais traz implícitos em sua essência vestígios das dimensões temporais/históricas projetadas pelo passado, que demonstram o dinamismo e a amplitude dos interesses humanos, frequentemente alterados com o passar do tempo”.

Muitos desses documentos foram registros feitos pelos próprios educadores musicais. Alguns, como cartas e bilhetes, são dados pessoais, por exemplo relatos a parentes e amigos
Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-22, e-rte331202426, 2024.



próximos. Outros arquivos são relatórios oficiais de viagens, artigos publicados em revistas. Lembrando que os artistas aqui mencionados, em diversas ocasiões, viajaram com o aval de parcerias realizadas entre instituições públicas nacionais e internacionais. Assim, apresentar esses documentos às respectivas chefias era uma forma de demonstrar as atividades realizadas e a importância de fomentar essas experiências artísticas enriquecedoras.

Percebe-se a significativa diversidade das fontes, por meio das análises dos textos mobilizados neste estudo. Entretanto, em todos os artigos há referências teóricas, metodológicas e historiográficas específicas da área denominada História da Educação. Nesse sentido, constata-se que os estudos seguem com aportes da Nova História Cultural.

Tal fato parece estar relacionado com a formação em nível de Doutorado dos autores dos artigos, pois são oriundos de Programas de Pós-graduação em Educação (PPGEs) nos quais há linhas de pesquisas específicas em História da Educação, que seguem na vertente da Nova História Cultural. Inês de Almeida Rocha e Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti são egressos do PPGE da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Elias Souza dos Santos defendeu sua tese no programa da Universidade Tiradentes (UNIT).

Além da amplitude das fontes, outro aspecto teórico recorrente são as questões das redes de sociabilidade trazidas nas discussões dos textos. É possível pensar juntamente com Alves (2019), quando esta afirma que as redes estão ligadas a muitos aspectos, entre eles das gerações. Para a autora, a geração: “Auxilia o historiador a circunstanciar as escolhas, as possibilidades de formação intelectual, o terreno institucional, os espaços de circulação cultural, o impacto das inovações tecnológicas, cruzando níveis local, nacional e internacional” (Alves, 2019, p.37).

Assim, ao se pensar nas viagens dos educadores musicais aqui referenciados, identifica-se que eles pertenceram a uma geração que buscou conhecer novas abordagens pedagógicas e culturais do ensino de Música. Podemos também perceber que essas redes tecidas pelos viajantes foram inicialmente construídas anteriormente às viagens, através de diálogos com os representantes dos governos e coordenadores dos eventos dos quais eles almejavam participar.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar esta reflexão, percebemos quão importante foram as viagens de formação e turnês artísticas empreendidas por Liddy Chiaffarelli Mignnone, Francisco Mignnone, Antônio Leal de Sá Pereira, Anttonieta de Souza e Helena Lorenzo Fernandez. Os concertos, as visitas pedagógicas, as interações sociais construídas, bem como as aprendizagens obtidas naqueles países, demonstram que os movimentos realizados por esses viajantes resultaram em benefícios para suas produções.

Enfim, ao analisarmos os estudos e publicações de pesquisadores da História da Educação, nos empenhamos em responder, ao longo do texto, às indagações iniciais que nortearam nossa pesquisa. Nessa perspectiva, percebemos que as experiências desses sujeitos contribuíram com a Educação Musical, por meio da criação de cursos inovadores e de escritos relatando as respectivas vivências experimentadas além-mar, como também, mobilizaram a difusão de propostas pedagógicas e a música brasileira em palcos dos países de destino e formação.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Ricardo dos Santos. *Estado da Arte: história da educação musical nos anais dos congressos nacionais da Associação Brasileira de Educação Música (2006-2013)*. 2018. Monografia (Licenciatura em Música) - Universidade Federal do Piauí, [S. l.], 2018.

ALENCAR, Ricardo dos Santos. *História da Educação Musical (2015 - 2021): caminhos e espaços da produção intelectual*. 2022. Dissertação (Mestre em Educação) - Universidade Federal do Piauí, [S. l.], 2022.

ALVES, Cláudia. Contribuições de Jean-François Sirinelli à história dos intelectuais da educação. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 33, n. 67, p. 27-55, jan./abr. 2019. Acessado em 12 de maio de 2023. Disponível em <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/47879>. Acessado em: 27 de abril de 2023.

CARDOSO, Silmara de Fátima. Viajar é inventar o futuro: narrativas de formação e o ideário educacional brasileiro nos diários e relatório de Anísio Teixeira em viagem à Europa e aos Estados Unidos. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Educação) –



Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em <https://repositorio.usp.br/item/002179098> Acessado em: 7 de maio de 2023.

CHAMON, Carla. Simone; FARIA FILHO, Luciano. Mendes. A educação como problema, a América como destino: a viagem de Maria Guilhermina. *In*: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José Gonçalves. (Orgs.). Viagens pedagógicas. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 39-64.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Testemunhos de outros tempos: um estudo sobre acervos pessoais de educadores (Santa Catarina - 1ª metade do século XX). *In*: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Sousa; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FERREIRA, Márcia Santos (org.). Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica. Curitiba: CRV, 2016.

DUMONT, Juliette; FLÈCHET, Anais. “Pelo que é nosso!”: a diplomacia cultural brasileira no século XX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 34, n. 67, p. 203-221, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882014000100010>. Acessado em: 02 de fevereiro de 2023.

HOBBS, Catherine. O caráter dos arquivos pessoais: reflexes sobre o valor dos documentos de indivíduos. *In*: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (org.). Pensar os arquivos: uma antologia. Tradução de Luiz Alberto Monjardim de Calazans Barradas. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

LEITE, Miriam Moreira. Livros de viagem: 1803/1900. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; SILVA, Alexandra Lima da. Tão longe, tão perto: escrita de si em relatórios de viagens. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 435-458, abr. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000100020>. Acessado em 20 de novembro de 2023.

MONTI, Ednardo Monteiro Gonzaga. Música na terra dos faraós: aprendizagens de Anttonieta de Souza numa viagem ao Egito. *Revista de História e Historiografia da Educação*, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 106-123, maio/ago. 2017. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/rhhe/article/view/51169>. Acessado em: 4 de out de 2022.

PIANTA, Julia Meira. Ser mulher regente em Porto Alegre: decolonialidade e transgressão em práticas percussivas. Orientadora: Luciana Prass. 2021. 70 f. TCC (Graduação) – Curso de Música. Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/222979>. Acesso em: 13 mar. 2023.

ROCHA, Inês de Almeida. Quanta coisa para pensar nos tem dado essa gente: educadores musicais brasileiros em viagem aos Estados Unidos. *Opus*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 101-126, jun. 2012. Disponível em:



<https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/180>. Acesso em 11 de março de 2023.

ROGÉRIO, Pedro. A viagem como um princípio na formação do *habitus* dos músicos que na década de 1970 ficaram conhecidos como “Pessoal do Ceará”. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3148> . Acesso em 11 de abr de 2023.

ROPKE, Camila Betina; MONTI, Ednardo Monteiro Gonzaga. (Auto)biografia e Educação Musical: produção de teses em Educação, História e Música entre os anos de 2015 e 2019. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, [s.l.], v. 6, p. 207-223, 2021. Disponível em: <https://itacarezinho.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/9278> . Acesso em: 27 jul. 2023.

SANTOS, Elias Souza dos. No compasso, *ligeiro*, da pianista Helena Lorenzo Fernandez: entre práticas pedagógicas, concertos e diplomacia musical brasileira (1931-1985). Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação), Universidade Tiradentes, Aracaju, 2020. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_b4729917dec24b9bb3ae6fa8e4afc242. Acesso em: 21 jul. 2023

SILVA, Alexandra Lima da. Escritas de viagens, escritas da história: estratégias de legitimidade de Rocha Pombo no campo intelectual. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://itacarezinho.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/9278> . Acesso em: 27 jul. 2023.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1986

SOUSA, A. Minhas impressões sobre o Egito. Revista do CBM, v. I, ano I, n. 3, p. 16-21, 1956.

SOBRE A AUTORIA:

[*] Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Piauí – PPGEd/UFPI. Professor de Música do Instituto Federal do Piauí - IFPI. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9730-3774>. E-mail: rodrigo.melo@ifpi.edu.br.

[**] Doutor em Educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí – UFPI. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9730-3774>. E-mail: ednardo@ufpi.edu.br.



RTE REVISTA
TEMAS EM
EDUCAÇÃO

ISSN
VERSÃO IMPRESSA: 0104-2777
VERSÃO ONLINE: 2359-7003



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2024v33n1.67544

Rodrigo Alves de Melo; Ednardo Monteiro Gonzaga
do Monti

**Viagens de educadores musicais nas primeiras
décadas do século XX: perspectivas na história da
educação**

Submetido em: agosto de 2023.

Aprovado em: novembro de 2023.

Publicado em: janeiro de 2024.